



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 17, n. 6, art. 1, p. 3-29, jun. 2020

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

http://dx.doi.org/10.12819/2020.17.6.1

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



Carreira no Artesanato: Um Estudo com Xilogravuristas do Cariri Cearense

Career in Handicrafts: A Study with Xilogravurists from Cariri/Ceará/Brazil

Carlos Leandro Soares Vieira

Graduando em Administração pela Universidade Federal do Cariri
Email: leandrosoares404@gmail.com

Rebeca da Rocha Grangeiro

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia
Professora Adjunta III da Universidade Federal do Cariri
Email: rebeca.grangeiro@ufca.edu.br

Endereço: Carlos Leandro Soares Vieira
Universidade Federal do Cariri - R. Ten. Raimundo
Rocha, 1639 - Cidade Universitária, Juazeiro do Norte -
CE, 63048-080, Brasil.

Endereço: Rebeca da Rocha Grangeiro
Universidade Federal do Cariri - R. Ten. Raimundo
Rocha, 1639 - Cidade Universitária, Juazeiro do Norte -
CE, 63048-080, Brasil.

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar
Rodrigues**

**Artigo recebido em 20/03/2020. Última versão recebida
em 06/04/2020. Aprovado em 07/04/2020.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação
cega por dois avaliadores da área).**

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Este artigo é fruto de uma pesquisa caracterizada como explicativa, cujo objetivo constituiu-se em analisar a trajetória de carreira de artesãos xilogravuristas da região do Cariri cearense. A estratégia utilizada dentro da abordagem qualitativa foi a História de Vida. Ao analisar os discursos dos dois artesãos xilogravuristas, percebeu-se que ambos possuem diferentes fatores que influenciam a sua trajetória no ofício artesanal. Quanto aos desafios enfrentados, ambos relataram como principal dificuldade adquirir recursos financeiros suficientes a partir do ofício. Ademais, constatou-se a importância das redes de relacionamento para a visibilidade e comercialização das obras de xilogravura. Por fim, acredita-se que este trabalho traz contribuições para o estudo das carreiras na indústria criativa, uma vez que os artesãos ainda representam uma categoria pouco explorada nos Estudos Organizacionais.

Palavras-chave: Desafios da Carreira. Redes de Relacionamento na Carreira. Xilogravura.

ABSTRACT

The following article aims to analyze the career trajectory of xilogravurists from the Cariri/Ceará. This research is characterized as an explanatory study, using the qualitative approach. The strategy used within the qualitative approach was the Life History. When analyzing the two wood engravers speeches, it is noticed that both have different factors that influence in their trajectory in the craftsmanship. Regarding the challenges faced, both reported obstacles to earning money to maintain their professional activities. In addition, it was verified the importance of the networks of relationship for the visibility and commercialization of their products. Finally, it is believed that this work brings contributions to the study of careers in the creative industry, since artisans still constitute a category little explored in Organizational Studies.

Keywords: Career Challenges. Career Relationship Networks. Xylography.

1 INTRODUÇÃO

É recente o conhecimento que se tem sobre carreira como um ofício que apresenta etapas sequenciais lógicas que remetem à progressão. Com esse sentido, o termo tem sua primeira caracterização no século XIX, a partir da expansão industrial e evolução do sistema econômico capitalista (CHANLAT, 1995). A ideia de construção profissional, atrelada ao crescimento nas hierarquias organizacionais e permanência em uma única organização, enfraqueceu-se devido às mudanças no mundo trabalhista, surgindo, como consequência, novas concepções e possibilidades de carreira que fazem oposição a essa ideia tradicionalista (CHANLAT, 1995).

Chanlat (1995), Greenhaus, Callanan e Godshalk (2009) e Hall (2002) denominam o novo conceito como as carreiras modernas. Nesse novo modelo, as transformações sociais são iminentes: as mulheres passaram a ter uma representação no mercado de trabalho, houve a afirmação dos direitos dos indivíduos, a flexibilização do trabalho, dentre outras características que remetem a maior autonomia por parte do indivíduo (CHANLAT, 1995).

Dentro do escopo de carreiras modernas estão as carreiras criativas, pertinente a profissionais das indústrias criativas. O termo surgiu nos anos 90 para caracterizar setores que possuem a criatividade como elemento primordial do negócio (BENDASSOLLI *et al.*, 2009). As indústrias criativas incluem áreas onde a maioria dos profissionais trabalham em regime autônomo, em que as formas abertas e flexíveis de carreira possuem incidência (HAUNSCHILD, 2003). Diante disso, observa-se que os artesãos fazem parte do grupo de trabalhadores que compreendem a indústria criativa.

Os profissionais que fazem parte da carreira criativa são carentes de apoio organizacional e consequente benefícios trabalhistas, diferentes dos indivíduos que possuem vínculos formais de trabalho (DUARTE; SILVA, 2013). Dessa forma, os riscos e desafios são naturais e constantes para os trabalhadores que compõem a indústria criativa, uma vez que eles são responsáveis por guiar suas carreiras a partir de ações e decisões individuais.

Devido a esses aspectos desafiadores que estão cada vez mais presentes na trajetória profissional artesanal, faz-se necessária uma flexibilidade para lidar com essas situações, pois, segundo Beck (2007), a vida contemporânea é rodeada por constantes incertezas e insegurança nos diferentes meios da sociedade. Com o intuito de responder de maneira eficaz a essa complexidade de desafios impostos, subsiste as redes de relacionamentos no qual o alinhamento de interesses entre os indivíduos faz com que eles partilhem do mesmo resultado.

Os comportamentos existentes oriundos das redes de relacionamentos que os indivíduos constroem, atuam de maneira benéfica na esfera dos aspectos da vida pessoal e profissional, uma vez que elas possuem um importante papel de fornecer auxílio para os indivíduos em sua trajetória de trabalho e carreira, assumindo um papel significativo para o desenvolvimento profissional (FORRET; DOUGHERTY, 2004).

Diante do cenário exposto, propõe-se como objetivos deste artigo analisar a trajetória de carreira de artesãos xilogravuristas da região do Cariri cearense, a partir de três principais influências: as motivações para iniciar no ofício artesanal; os desafios que eles enfrentaram e enfrentam na carreira; e o papel que assumem as redes de relacionamento desses artesãos ao longo de sua trajetória profissional.

Faria e Silva (2017) apontam carência de pesquisas que analisem o artesanato à luz dos estudos organizacionais, conseqüentemente, também de estudos que analisam a carreira de artesãos (FARIA; SILVA, 2017, GRANGEIRO; BARRETO; SILVA, 2018). Assim, esse trabalho se justifica devido à lacuna de produções que proponham uma reflexão sobre o artesanato, à luz dos estudos de trajetória profissional de carreira, a partir do foco na xilogravura, técnica de grande relevância cultural e histórica dentro do Cariri, pois preserva a memória de um povo e perpetua toda uma cultura através de gravuras feitas em madeira.

Para cumprir os objetivos elencados acima, o presente artigo está organizado em outras quatro seções, além desta introdução. Na seção seguinte é apresentado o referencial teórico sobre artesanato, xilogravura e trajetória profissional, a fim de elucidar aspectos desafiadores e motivadores nas trajetórias dos artesãos, abordando as suas redes de relacionamento que influenciaram na carreira. A terceira seção apresenta o delineamento metodológico utilizado. A quarta apresenta os resultados e discussões. E por fim, a quinta seção expõe as considerações finais elucidadas a partir dos resultados da pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Breve contextualização do artesanato do Cariri cearense

Existem distintas definições acerca do que significa ser artesão (MORAIS *et al.*, 2017) e da atividade artesanal. Entretanto, observamos que existe um consenso entre os autores de que deve ser uma produção predominantemente manual (PEREIRA, 1979). Lima (2005) ressalta que o artesanato significa uma confecção na qual, por origem, o fazer mora na atividade realizada com as mãos. O uso de tecnologias e máquinas deve ocorrer apenas de forma auxiliar

(LIMA, 2005). Sem a predominância da manualidade, descaracteriza-se não só o sentido da palavra artesanato, mas, também, privilegia-se a rapidez da produção. A velocidade nos processos e especialização de tarefas no artesanato apontam para a dominação do gerencialismo nesta forma de produção e vão ao encontro das premissas do sistema capitalista, resultando conseqüentemente na perda dos aspectos tradicionais e culturais desse processo (MARQUESAN; FIGUEIREDO, 2014).

A atividade artesanal do Cariri cearense, região onde este estudo foi realizado, foi amplamente estimulada por Padre Cícero Romão Batista que, segundo Rabello (1967, p.69), “não cuidava só do culto: ensinava a lavrar a terra, (...) e a trabalhar nas artes manuais”. Após o acontecimento do fenômeno conhecido como um milagre da Beata Maria de Araújo, no qual a hóstia se transformava em sangue durante a eucaristia, a cidade virou ponto central de passagem e residência, fazendo a população crescer substancialmente.

Devido a esse crescimento populacional, a fé deveria ser aliada a alguma atividade produtiva para que as pessoas conseguissem sobreviver no local (LIRA NETO, 2009). Dessa forma, a partir do conselho do Padre, fundamentado no lema beneditino de “ora e labora”, onde em cada casa deve haver um altar e uma oficina (RABELLO, 1967), a atividade artesanal despontou como maneira de subsistência e desenvolvimento econômico de Juazeiro do Norte devido ao crescimento populacional, em um curto espaço de tempo.

A fragilização da atividade artesanal, na região do Cariri, começou a ser observada a partir da industrialização do local e da mudança da mentalidade consumidora da população (GRANGEIRO; BASTOS, 2016). Nesse período, o Governo do Ceará aplicou políticas públicas para atração de indústrias, sendo a região do Cariri um dos alvos (ROCHA; AMARAL FILHO, 2004), recebendo esse novo tipo de trabalho fabril que produzia objetos semelhantes aos de atividade artesanal, porém, com um preço bem menor (ARAÚJO, 2011). Esse fato ocasionou a perda do mercado interno, dando espaço para a venda de produtos totalmente mecanizados.

Logo, o maior volume de compras dos objetos artesanais passou a ser realizado por visitantes da cidade, pois, como destaca Cavalcanti (2009), existe uma grande valorização simbólica das peças artesanais por parte dos que vêm de fora, com objetivo de levar um pedaço da cultura e história da região (SANTOS, 2007; BARROSO, 2002).

Segundo Canclini (1983), a justificativa para os turistas serem um dos grandes consumidores das peças artesanais relaciona-se ao conceito de *souvenir*, que são peças que representam lembranças de um determinado local visitado, com o objetivo de fazer o turista levar consigo recordações através de um objeto, aumentando, assim, a probabilidade de sua

compra. Os viajantes além de buscarem atestar a viagem a determinada localidade através do artesanato, também buscam demonstrar que seu gosto é amplo, ao ponto de abranger peças primitivas oriundas da produção das culturas populares (CANCLINI, 1983).

A partir do Encontro de Produção de Artesanato Popular e Identidade Cultural realizado pela FUNARTE em 1993, ficou acordada a aplicação de um Projeto-Piloto para apoio aos artesãos. Juazeiro do Norte foi uma das cidades escolhidas, e neste período criou-se a Associação dos Artesãos de Juazeiro do Norte (CAVALCANTI, 2009). A partir daí, passou a existir uma entidade para representar os artesãos da cidade, auxiliando-os na aquisição da matéria prima e nas vendas dos produtos. Essa associação é responsável pela maioria dos artesãos do Centro Cultural Mestre Noza, ponto de referência no artesanato na tipologia em madeira da região (CAVALCANTI, 2009).

Há uma grande diversidade de produtos e técnicas oriundas do artesanato a partir da tipologia em madeira (SALLES; VALLADARES, 1986). Uma delas é a Xilogravura, técnica que se destaca na cidade de Juazeiro do Norte. Na subseção seguinte, apresenta-se uma contextualização histórica sobre a técnica da xilogravura, destacando sua relevância dentro da região do Cariri cearense.

2.2 Notas sobre a Xilogravura do Cariri cearense

A xilogravura é uma técnica de gravura em relevo sobre madeira, na qual ainda não existem indícios concretos de quando a atividade passou a ser realizada e nem quem foi seu precursor (SOUZA, 2011). No entanto, Correia (2011, *apud* Souza, 2016) trabalha com o pressuposto de que a sua origem se remete à China, em data incerta.

Já Souza (2011) afirma que foi possível identificar registros da existência da xilogravura a partir da idade Média. Neste período, a técnica possuía apenas fins religiosos, sendo impressa em pergaminhos e papéis em meados dos séculos XIV e XV. No final do século XV, a xilogravura deixou de ser vista apenas como um método de criação de livros e passou a ser considerada uma forma de expressão artística em virtude da forma como Albert Durer instaurou sua gravura de maneira diversificada, referenciando peculiaridades góticas oriundas de sua obra “*Série do Apocalipse*” (SOUZA, 2011). Independente das dúvidas acerca do seu início, a xilogravura originou-se do interesse em expressar o pensamento humano de forma visual e manual.

No cenário nacional, foi com a tipografia que a xilogravura chegou ao Brasil no início do século XIX, quando a família real portuguesa trouxe o maquinário para impressões régias

(CARVALHO, 1995). Após isso, essa atividade foi interiorizada, atingindo todas as províncias nordestinas que, a partir daí, passaram a ter suas máquinas tipográficas, causando a difusão da xilogravura como aspecto utilitário: “Passou-se a recorrer à xilogravura para a elaboração de capas dos folhetos de feira” (CARVALHO, 1995, p. 144).

Ademais, o processo de gravação pode ser reproduzido no papel ou em outro suporte que seja adequado para tal técnica (SOUZA, 2016; CARVALHO, 2015). De acordo com Carvalho (2015), o processo da xilogravura se inicia pela escolha da matéria prima adequada. Após isso, usa-se instrumentos cortantes para que a técnica de gravar seja realizada. Ao efetuar o entalhe da madeira, essa recebe uma fina camada de tinta, bastando apenas concluir a atividade com a impressão em papel, tecido, azulejo, dentre outros materiais.

Devido a toda a popularização e patrimônio cultural que a xilogravura adquiriu no Cariri cearense, a região tornou-se um espaço de relevância para a xilogravura de cordel (DUMARESQ, 2002). Em Juazeiro do Norte-CE, um gravurista em especial se destaca por toda sua importância histórica: o Mestre Noza (DUMARESQ, 2002).

Esse xilógrafo e escultor, popularmente conhecido como Mestre Noza, cujo nome era Inocêncio Medeiros da Costa, nasceu em Pernambuco e, em 1912, migrou com a sua família para Juazeiro do Norte. Suas principais obras inspiravam-se em Padre Cícero Romão Batista (NOVAES, 2011). Um fator importante no desenvolvimento na carreira do Mestre Noza foi quando teve suas obras expostas na França (NOVAES, 2011). A partir dali, suas produções passaram a ser reconhecidas e evidenciadas em inúmeras galerias. Ademais, dada a importância do Mestre Noza dentro da xilogravura em Juazeiro do Norte, o artesão foi homenageado com a criação do Centro Cultural Mestre Noza, grande ponto de artesanato na tipologia em madeira na região do Cariri cearense.

Dessa forma, após a contextualização sobre o artesanato do cariri cearense, com um foco específico em uma das técnicas do artesanato em madeira, a xilogravura, a próxima seção abordará aspectos acerca dos modelos teóricos que auxiliam na compreensão da trajetória de carreira que diferentes indivíduos podem trilhar.

2.3 Modelos tradicionais e modernos de compreensão das trajetórias de carreira

Carreira pode ser definida com uma sequência que envolve experiências no âmbito profissional, influenciando a forma como as pessoas interagem com outros indivíduos, sociedades e organizações (ARTHUR; HALL; LAWRENCE, 1989). Nesse sentido, existe uma interação entre os níveis organizacional e individual, trazendo significativos reflexos sobre a

carreira dos sujeitos (CLOSS; OLIVEIRA, 2015). As organizações são responsáveis por dar oportunidades concretas para as pessoas, enquanto que, no âmbito pessoal, cabe aos próprios profissionais guiarem o seu desenvolvimento, buscando sua competitividade e desenvoltura no trabalho (DUTRA et al., 2009).

O modelo tradicional de carreira foi suficiente para compreender grande parte das carreiras até a década de 1970. Entretanto, devido às consequências de mudanças sociais e trabalhistas nos últimos anos, surgem os modelos modernos de carreira. Esse novo modelo caracteriza-se pela inserção da mulher no mercado de trabalho, afirmação dos direitos dos indivíduos, flexibilização do trabalho, elevação dos graus de instrução e pela globalização da economia. As carreiras tornam-se menos estáveis e lineares e, concomitantemente, mais horizontais e menos verticais (CHANLAT, 1995).

Uma das carreiras consideradas modernas, devido à ausência de vínculos com organizações formais, é a carreira criativa. Esse modelo é caracterizado por indivíduos que constroem sua trajetória profissional dentro da indústria criativa (BENDASSOLLI; WOOD JR, 2010, DUARTE; SILVA, 2013). O elemento central da indústria criativa, como o nome já supõe, é a criatividade, na qual a propriedade intelectual é a principal ferramenta para sobrevivência em uma sociedade pós-materialista (INGLEHART, 2018). Entretanto, esses profissionais ainda enfrentam grandes desafios e riscos em sua carreira, pois são carentes de apoios organizacionais e benefícios trabalhistas (DUARTE; SILVA, 2013), além de se observar também se a ausência de apoios de políticas do poder público (SOBRINHO; HELAL, 2017, SERRA; FERNANDES, 2014).

Ademais, a dualidade existente entre levar a atividade como um *hobby* e como meio de sobrevivência impõe-se como um desafio para esses indivíduos. Eles são impelidos a escolher entre atender exigências do mercado, limitando seu aspecto criativo, ou exercer a atividade de maneira livre, porém, sem haver retornos monetários suficientes para manutenção profissional (BENDASSOLLI; WOOD JR, 2010). Nesse sentido, as necessidades enfrentadas por esses trabalhadores referentes à conquista financeira acabam influenciando a escolha de determinado tipo de segmento nas carreiras criativas (KHAPOVA; ARTHUR, 2011). Desse modo, cabe aos indivíduos administrarem as situações de adversidades vivenciadas (BARLACH, 2005).

Chanlat (1995) descreve a classificação das carreiras modernas em quatro tipos, a saber: burocrático; profissional; empreendedor; sociopolítico. Uma vez que se pretende analisar a carreira dos artesãos a partir das redes de relacionamento por eles construídas, este artigo dará ênfase às carreiras sociopolíticas.

A carreira sociopolítica baseia-se no *know-how* de habilidades sociais e nas relações interpessoais do indivíduo. Para este tipo de carreira, a especialização ou uma competência específica não são aspectos relevantes. Os principais elementos responsáveis pelo destaque na carreira são os acúmulos de conhecimento das relações sociais e pertencimento a um nível social bem estruturado (CHANLAT, 1995).

Esse autor destaca que não se pode considerar o desenvolvimento na carreira apenas como efeito advindo da sorte, criatividade dos talentos, ou da competência do indivíduo, ela também é obra de um complexo campo de relações. Nesse tipo de carreira, as relações sociais que os indivíduos mantêm se apresentam como uma forma de manifestação de desenvolvimento, uma vez que essas relações partem de um capital social proveniente das relações e conexões sociais entre indivíduos e suas comunidades (WASKO; FARAJ, 2005).

De modo semelhante, Rossetti et al. (2008) informam que a formação das redes de relacionamentos são oriundas de contatos entre pessoas e/ou organizações que possuem objetivos em comum e áreas de mesmo interesse (HUSTAD, 2004). Os indivíduos buscam se envolver para troca de informações, ideias e experiências sobre uma área comum. Também possuem o intuito de crescimento profissional e pessoal através das comutações de oportunidades simultâneas.

Essas redes são formadas por um conjunto de atores que possuem tipos específicos de conexões entre si, desde conexões pessoais a ligações entre indústrias e grupos de empresas (POWELL; SMITH-DOERR, 1994). Assim, as limitações existentes na capacidade de gerenciamento dos empresários e das possibilidades de participação em treinamentos, muitas vezes, acabam sendo supridas pela presença de redes de relações pessoais e institucionais bem estruturadas (TEIXEIRA; MORRISON, 2004).

Gibb (1997) também destaca que essas redes possuem certo grau de importância em um aprendizado advindo de orientação com seus pares, responsáveis pelo auxílio na captação de oportunidades e superação de problemas. Dessa forma, as redes de socialização voltadas ao meio profissional estabelecem não só a troca de informações, mas também de experiências e vivências do meio social em que os indivíduos estão inseridos (RIBEIRO, 2009). O conhecimento adquirido através de contatos com pessoas da mesma área de atuação, ou de outras áreas semelhantes ou distintas, potencializa oportunidades e influenciam na desenvoltura da trajetória profissional.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo explicativo, na medida em que busca compreender e explicar elementos sociais, relacionais e individuais implicados na forma como xilogravuristas trilham sua carreira profissional (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013). Utilizou-se abordagem de cunho qualitativo, por ser a mais apropriada para cumprir o objetivo de pesquisa, qual seja de analisar a trajetória de carreira de artesãos xilogravuristas da região do Cariri cearense. A pesquisa qualitativa possui suma importância para a análise de um contexto em que é necessário a imersão na subjetividade e no simbolismo, firmemente enraizados no contexto social que emergem (BAUER; GASKELL, 2017). No caso deste estudo, busca-se, nas experiências subjetivas dos artesãos, aspectos que permitem a caracterização de trajetórias profissionais e a compreensão de suas especificidades.

A estratégia utilizada dentro da abordagem qualitativa foi a História de Vida, selecionada devido ao grande potencial de exploração e compreensão do processo de entendimento da trajetória de carreira. A partir das entrevistas que utilizam como ferramenta a história de vida, os participantes da pesquisa conseguem estabelecer para si mesmo aspectos motivacionais e de valores para suas trajetórias de carreira (SMITH, 2012). Essa técnica também permite que os narradores estabeleçam os fatores influentes para suas vidas, distanciando-se de conceitos que às vezes são pré-definidos pelos pesquisadores (SMITH, 2012). Dessa forma, buscou-se que os entrevistados pudessem falar livremente (MACLEAN; HARVEY; CHIA, 2012), uma vez que se pretendia a redução da interferência de convicções pré-estabelecidas.

Isto posto, baseando-se nos relatos de vivências e experiências profissionais do próprio trabalhador, a história de vida auxilia no entendimento dos processos de trajetória de carreira (CLOSS; OLIVEIRA, 2015, FERRAZZA; ANTONELLO, 2017). É válido ressaltar que utilizar a história de vida como estratégia de pesquisa para analisar carreira constitui-se também contribuição desta pesquisa, uma vez que a aplicação dessa técnica ainda é escassa nas pesquisas nacionais em Administração (CLOSS; ANTONELLO, 2011; GODOY, 2018).

3.1 Participantes

Os participantes desta pesquisa são em alguns momentos denominados sujeitos da pesquisa ou mesmo atores sociais, pois, quando se trabalha com História de Vida, admite-se que as vozes dos indivíduos pesquisados são relevantes e representativas da realidade analisada (GODOY, 2018).

Os atores sociais da pesquisa em questão são dois xilogravuristas renomados da região cariense e reconhecidos por seus pares e por amantes da Xilogravura em nível nacional, são eles: José Lourenço e Carlos Henrique, cujas trajetórias de carreira foram analisadas desde o momento da entrada no ofício artesanal até o momento da realização da entrevista da pesquisa.

3.2 Procedimentos de coleta e análise de dados

A fim de acessar informações sobre as trajetórias profissionais trilhadas pelos artesãos, optou-se pela técnica de coleta de entrevista, dando-se atenção às orientações de Atkison (2002), que dizem respeito à necessidade de flexibilidade do pesquisador para a boa condução de uma entrevista com fins de pesquisa científica.

Como não seria possível seguir um roteiro rígido de perguntas para obtenção de uma história de vida, foi proposto um roteiro semiestruturado de entrevista, com perguntas abertas, buscando a menor intromissão possível nos discursos dos participantes. Spindola e Santos (2003) sugerem pouca interferência do pesquisador em entrevistas com fins de elaboração de uma história de vida, pois, nesses casos, o participante é que deve eleger o que é falado e a ordem em que fala. O pesquisador deve intervir apenas para estimular os participantes a esclarecerem alguns detalhes.

As entrevistas realizadas tiveram um agendamento prévio, sendo que os próprios participantes definiram os locais para sua realização. Acredita-se que a escolha por um lugar onde o sujeito da pesquisa sinta-se confortável proporciona para ele maior liberdade para falar (CLOSS; OLIVEIRA, 2015, MACLEAN; HARVEY; CHIA, 2012). No primeiro contato, explicou-se o objetivo de realização da pesquisa e solicitou-se a assinatura do termo de consentimento de participação no estudo, no qual os artesãos permitiram a gravação das entrevistas e posterior utilização dos seus nomes reais neste trabalho.

Seguindo as exigências da estratégia de História de Vida, foram realizadas duas entrevistas com cada artesão, que duraram em média 90 minutos. Realizou-se a escuta atenta dos entrevistados e seus depoimentos, que contabilizaram 262 minutos de áudio, fielmente transcritos em um dossiê de 70 laudas.

O primeiro roteiro de entrevista foi composto apenas por perguntas que buscavam adquirir informações sobre a entrada dos artesãos na profissão de artesanato e os principais desafios enfrentados durante a carreira. Após a transcrição e análise, verificou-se um ponto que viria a gerar elucidações pertinentes sobre a carreira dos indivíduos, as redes de relacionamento.

Portanto, no segundo momento de entrevista, o roteiro focalizou as redes de relacionamento e ainda os desafios enfrentados no decorrer da trajetória profissional.

A análise dos dados teve início quando todas as entrevistas realizadas com os participantes estavam transcritas. Iniciou-se com leituras atentas e profundas de todos os relatos, buscando neles significados relevantes que auxiliassem na consecução dos objetivos desta pesquisa.

Para tratamento dos dados, utilizou-se estratégia de análise de conteúdo temática, comumente empregada em pesquisas analíticas qualitativas (BRAUN; CLARKE, 2006). De acordo com Oliveira (2003), a análise de conteúdo temática ultrapassa os limites de uma análise apenas de conteúdo manifesto. Ao se utilizar esse tipo de ferramenta, é possível compreender as entrelinhas dos discursos dos indivíduos participantes da pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para elucidação dos resultados, buscou-se analisar a trajetória de carreira dos artesãos xilogravuristas a partir dos objetivos estabelecidos. Assim esta seção está dividida em três partes: motivos que levaram a entrada na profissão; os desafios enfrentados durante a carreira; e a importância das redes de relacionamento no desenvolvimento profissional desses indivíduos.

4.1 Motivações para entrada na profissão

Observa-se que cada artesão possui influências próprias para entrada no ofício artesanal. Percebe-se, no discurso do José Lourenço, que seu primeiro contato com a xilogravura ocorreu durante a infância. Através de um membro de sua família, o artesão teve a possibilidade de ser iniciado nessa técnica.

(...) e meu avô trabalhava na Tipografia São Francisco, né, com a filha do José Bernardo. Era um afilhado do José Bernardo da Silva, e trazia a gente ainda criança pra dentro da gráfica, pra não tá na rua, né? E aos poucos a gente foi se envolvendo com isso, eu passei um tempo ainda, nera nem trabalhando, era ajudando na gráfica.

José Lourenço viveu em outra cidade durante cinco anos, mas quando retornou para Juazeiro do Norte/CE, voltou a frequentar a gráfica. Neste momento começou a trabalhar como impressor gráfico. Observa-se que a inserção na carreira de impressor gráfico pode ter sido

influenciada pelo avô que, além de exercer a profissão, levava o entrevistado para auxiliá-lo na tipografia.

Essa estreita relação que o artesão já possuía com o mundo da xilogravura, permitida pelo ambiente em que ele estava inserido, contribuiu para a desenvoltura de sua carreira. Pois foi nessa gráfica que ele passou a realizar atividades de impressões dos cordéis para xilogravuristas que detinham certo reconhecimento entre os pares na época. Mesmo sem atuar propriamente como xilógrafo, ele já manuseava muitas peças produzidas através da técnica da gravura e já iniciava suas redes de contatos para a construção de sua carreira.

Portanto, este contato inicial com seus futuros pares auxiliou sua entrada na atividade artesanal, uma vez que as decisões da futura profissão podem ser influenciadas por fatores familiares e da comunidade que os indivíduos fazem parte (CLOSS; OLIVEIRA, 2015).

A necessidade é um dos fatores que leva muitos artesãos à inserção nessa atividade. O início em determinado tipo de carreira muitas vezes se dá pela iminência dessas necessidades básicas que precisam ser atendidas. Ao analisar o discurso do José Lourenço, percebe-se que, apesar de sua função inicial na tipografia não ter sido de xilogravurista, em virtude das necessidades enfrentadas, ele sentiu-se na obrigação de fazer sua primeira peça usando essa técnica, mesmo sem possuir total domínio, posto que apenas tinha experiência com a impressão das gravuras nas capas de cordéis.

Portanto, entende-se que um dos motivos para início da criação de peças ocorreu em função das necessidades enfrentadas.

Aí, a gente pode dizer que eu comecei pela necessidade, né? (...) a necessidade era grande, a gente não tinha... não tinha uma encomenda, não tinha nada, era uma época que tava todo mundo zerado, numa liseira danada (rindo), aí, eu digo, é o jeito, vou ter que fazer esse negócio.

Por seu turno, o artesão Carlos Henrique iniciou na atividade com a produção em uma matéria-prima não tão típica entre os artesãos do nordeste brasileiro (SALLES; VALLADARES, 1986). Ele utilizava casquinhas de cajá, fazendo esculturas e clichês. Na época, ele não reconhecia que aplicava a técnica classificada como xilogravura, diferenciando-se de profissionais apenas em relação à matéria-prima utilizada.

(...) eu comecei a... fazer minhas primeiras gravuras foi com casca de cajá né (...) eu tava fazendo gravura naqueles taco (casquinha de cajá) aí ele (amigo) viu isso ali e disse Carlos isso que tu faz é entalhe (...).

Percebe-se que Carlos Henrique não tinha conhecimento da atividade realizada, apenas a fazia, pois vislumbrava uma oportunidade de lazer e até mesmo de algum retorno financeiro. A aceitação da proposta se deu em decorrência da sua identificação com o trabalho, pois todo material que pegava já sentia a necessidade de criar uma gravura. O xilogravurista já havia tentado desenvolver outras atividades profissionais, mas este era o único ofício com o qual se identificava.

(...) eu não me identificava com trabalho nenhum a não ser com esse, porque desde menino, todo pedaço de madeira que eu pegava ia ali e ia fazer pegava uma ferramenta e faca de mesa e fazia uma cultura, ia fazer uma escultura, ia fazer alguma coisa.

Carlos Henrique destaca que não tinha conhecimento de que estava realizando a atividade de gravura lambe-lambe, mesmo assim, era o único da região que realizava e utilizava da técnica da xilogravura. O artesão afirmou:

(...) a única pessoa que fazia gravura lambe-lambe aqui era eu e mesmo assim nem sabia do que se tratava, ou como chamava essa técnica e tal né.

A descoberta do que representava os seus entalhes se deu a partir de um amigo que o revelou que as suas gravuras caracterizavam-se como xilogravura, uma das variâncias presente na atividade artesanal. Ao perceber que Carlos Henrique detinha um bom domínio da técnica, ele lhe convidou para fazer as capas da Academia dos Cordelistas Crato. Desta forma, a partir da aceitação deste convite pode-se demarcar sua entrada oficial na atividade artesanal.

(...) ele conheceu a xilogravura primeiro do que eu, e eu já conheci depois, mas assim já tinha a prática da gravura, já vinha fazendo algumas gravura, mas ainda não tinha conhecimento de como que era feito, então ele me trouxe essa encomenda eu fiz a primeira capa e através dessa capa foi o meu ingresso na academia de Cordelista do Crato.

Ao observar os discursos dos dois artesãos, constatou-se as distintas inserções de cada um na profissão de artesanato. Enquanto José Lourenço já estava inserido em um ambiente que permitiu e facilitou o início nesse meio profissional, inclusive já possibilitando contato com xilogravuristas da época, Carlos Henrique não possuía nenhuma influência próxima em seu círculo de relações, apenas realizava a xilogravura em casca de cajá, mas sem o conhecimento da técnica que estava empregando. Estes resultados corroboram com os achados de Closs e Oliveira (2015), que apontam que as primeiras experiências profissionais possuem um papel de destaque nas escolhas profissionais futuras dos indivíduos.

4.2 Desafios enfrentados durante a carreira

Os desafios enfrentados ao longo da profissão são constantes no meio das carreiras criativas (DUARTE; SILVA, 2013). Ambos os artesãos tiveram que tomar decisões para sobrevivência dentro da profissão, administrando a situação de risco para se defenderem (BARLACH, 2005).

De acordo com José Lourenço, uma das principais dificuldades e desafios enfrentados durante o início da sua trajetória de carreira na xilogravura foi a financeira, tanto advinda das vendas de suas peças, como da ausência de renda em um contexto geral.

Antes era um negócio difícil né? Eu lembro que em 87... eu comecei a fazer gravura em 86, em 87... eu tenho gravura aí de 87 que eu não vendia, passava de dois a três anos sem vender, porque ninguém se interessava.
E são dificuldade que termina nessa dificuldade nossa financeira, né, que isso é o Brasil todo que tá passando, mas a gente tem sofrido muito por isso.

Dessa forma, a fim de não sucumbir em meio aos impasses enfrentados, ele utilizou várias estratégias, exercendo diversas outras atividades para complementar sua renda.

(...) eu já fiz muita coisa. Já fui garçom, né, trabalhava na churrascaria.(...) eu fui trabalhar de borracheiro, né? (...) Trabalhei também vendendo fruta aqui no mercado... mercado central. Então tinha todos esses momentos. Quando a gráfica tava fraca, a gente ia fazer outra coisa, e assim ia levando.

Portanto, o artesão, ao perceber suas dificuldades e imprevisibilidades do mercado de trabalho, buscou de todas as formas manter sua renda estável exercendo diversos outros ofícios, até o momento de manter-se fixo na atividade de xilogravura. Afinal, ao observar esses fatores de risco, o indivíduo procura utilizar seus conhecimentos para enfrentamento dos problemas, buscando desenvolver novas maneiras para pensar e realizar o seu fazer (BECK, 2007).

No que diz respeito à matéria-prima, ele destaca que a principal madeira utilizada para suas produções é a umburana, conforme demonstrado por Salles e Valladares (1986). Porém, de acordo com José, existem grandes dificuldades para utilização dessa madeira, principalmente pelo grande tempo necessário para que a árvore alcance um tamanho ideal para extração da matéria-prima.

Então, e hoje a gente tá praticamente sem usar, por que não tem. As que chegam, chega do Pernambuco, da Bahia (...) aqui no Ceará ninguém corta mais umburana, né, num pode.

Além da dificuldade da coleta e diminuição do número das espécies da umburana, ocasionadas pela degradação ambiental, ele também destaca que as poucas madeiras típicas para produção que chegam importadas não possuem mais regulação ambiental. Portanto, existem desafios não apenas para os artesãos que trabalham nesse ramo, mas para a técnica e sua relevância cultural em si, dado que, com a escassez da principal madeira utilizada na produção, a diminuição de obras advindas dessa técnica tende a constante decréscimo.

De acordo com Sobrinho e Helal (2017), no Brasil existem cada vez mais programas de apoios e políticas de incentivo ao artesanato. Serra e Fernandes (2014) também destacam que as políticas de incentivo a atividades criativas vêm apresentando certo sucesso no Brasil. Entretanto, ainda existem deficiências nas políticas de incentivo à economia criativa que compreendem o seu significado e seu potencial, especialmente dentro das esferas estaduais (SERRA; FERNANDES, 2014). Dessa forma, outro desafio enfrentado por José Lourenço, reside exatamente no fato da ausência de apoio do poder público.

E hoje a gente... o poder público praticamente... é... nos últimos anos zero, a gente não tem, não tinha apoio. Mais da universidade, pouca coisa. Do poder público municipal zero, a gente não... não tinha.

A ausência dessas políticas públicas na xilogravura vem sendo prejudicial não apenas para os xilogravuristas, mas também para a técnica que sofre suas consequências. A diminuição do apoio, principalmente financeiro, acaba prejudicando a atração de novas pessoas para aprenderem o ofício, podendo comprometer a existência da atividade a longo prazo. Essa é a principal preocupação por parte do entrevistado, pois ele não busca apenas sua sobrevivência através dessa atividade artesanal, ele se inquieta pelo futuro da técnica à qual atribui grande importância cultural e histórica para a região do Cariri.

Isso aqui tem que entrar na escola, pros alunos, pros jovens. Então, isso tudo tem que... tem que acontecer. Hoje a gente tem visto muito a questão principalmente de informatizar o cordel, né? Principalmente... pra poder você atrair o jovem, né? Você ter uma leitura digital.

Dessa forma, reafirma-se, apoiado em Barlach (2005), que o indivíduo, frente a desafios e fatores de risco, busca administrar a própria subjetividade para defender-se através da compreensão da situação. Ao compreender que sua preocupação maior é com a sobrevivência da xilogravura, enquanto forma de contar a história de uma região e consequentemente de um povo, o artesão busca através da informatização do cordel atrair os jovens para a atividade.

No tocante à análise do xilogravurista Carlos Henrique, identificou-se que ele não acreditava ter vivenciado desafios ou dificuldades ao longo da trajetória profissional. No entanto, a partir da análise do seu depoimento, foi possível perceber que houve desafios e obstáculos durante a sua carreira, que foram enxergadas pelo mesmo como adversidades comuns e corriqueiras.

O xilogravurista percebeu dificuldade na comercialização das suas obras na região do Cariri cearense e informou que seu público consumidor consiste preferencialmente de pessoas de outras cidades. Tais dados corroboram com pesquisas anteriores que explicam o fenômeno a partir do avanço industrial na região e de mudanças de hábitos de consumo da população local (GRANGEIRO; BASTOS, 2016).

Visto tal desafio, Carlos Henrique pautou a sua atividade empreendedora buscando mercado consumidor em outras regiões, estratégia por ele utilizada para enfrentar essa adversidade.

Mas aí assim, pra sobreviver da arte aqui no Cariri é muito difícil... Porque nós não temos tanto... tanto consumidor né...? e com relação à gravura, a gente vende uma aqui... pra pessoa que vem de São Paulo, que vem de Fortaleza, que vem de... da Argentina, que vem do Japão... que vem da Alemanha que já tem meu nome por lá...

À vista disso, constata-se que a renda obtida por Carlos Henrique, a partir da comercialização na região do Cariri cearense, é insuficiente para manter a si e familiares. Assim, identifica-se que este fator se torna uma condição desafiante para o artesão, pois o mesmo precisa garantir a subsistência e sobrevivência de sua família.

Em relação aos desafios enfrentados durante a carreira, observou-se semelhanças e diferenças entre os dois artesãos entrevistados. Tanto José Lourenço como Carlos Henrique relatam que passaram por dificuldades financeiras durante sua trajetória profissional, entretanto, diferenciam-se na maneira como moveram seus conhecimentos para superar essa adversidades. Observa-se também que José Lourenço destaca os problemas da aquisição da matéria prima e da ausência de amparo do poder público na Xilogravura. Enquanto que Carlos Henrique destaca o fato da dificuldade da comercialização de suas obras dentro da região e lamenta a desvalorização da xilogravura entre a comunidade local.

4.3 As redes de relacionamento na desenvoltura da carreira

Diversas foram as pessoas que apoiaram o processo de crescimento profissional do artesão José Lourenço, proporcionando a construção de suas redes de relacionamento que o auxiliaram no desenvolvimento de sua carreira. Afinal, as redes sociais estabelecidas podem

auxiliar no processo de identificação e oferecimento de oportunidades (GIBB, 1997). As pessoas se utilizam dessas conexões estabelecidas para conseguir realização material e humana (RIBEIRO, 2009), uma vez que essas se relacionam a conquistas de benefícios tangíveis e concretos, e de satisfações subjetivas.

Desde o início de sua carreira, o artesão recebeu influência de pares que já eram reconhecidos entre os xilogravuristas na época. José Lourenço alinhou suas atividades de impressor gráfico com a capacidade de manter contatos com esses profissionais, começando a tecer suas redes de contato que o auxiliaram na estruturação de sua carreira.

E tinha todo aquele envolvimento, e imprimia as xilogravuras dos gravadores, né, daqui, o Stenio Diniz, é... o Zênio, o Abraão Batista, e a gente ia imprimindo essas gravuras.

Através dos diversos contatos, José Lourenço também foi influenciado por um profissional de fora do meio da xilogravura, do qual recebeu apoio motivacional que o levou a realizar obras que tiveram premiações a nível nacional.

Aí, o Gilmar, o professor Gilmar de Carvalho, lá da Universidade Federal do Ceará (...) ele me disse uma vez “Zé, tu num quer fazer uma exposição, uma coisa? Agora você tem que ter um trabalho, uma coisa que a gente possa... assim, se destacar, uma coisa assim, né?”. Aí ele disse: “ó, por que tu não faz o álbum da vida do Padre Cícero?” Aí eu digo “é... vamo fazer, né?”.

O professor Gilmar de Carvalho é um pesquisador que estuda a xilogravura da região cearense e autor de diversas obras como “Madeira Matriz” (1995) e “Xilogravura: Os percursos da criação popular” (1995). Portanto, por ter conhecimento da técnica e dos artesãos que trabalham nela, ele busca sempre auxiliá-los de maneira a manter essa técnica viva como símbolo cultural da região. Assim como destaca José:

(...) e Gilmar sempre incentivando (...) então até hoje ele... ele incentiva, né, pra gente não parar.

Foi através da oferta dessa exposição feita pelo professor Gilmar de Carvalho que José colocou seu nome no cenário da xilogravura, trazendo grande crescimento profissional em sua carreira, como destacado no trecho a seguir.

Eu sei que foi um trabalho muito interessante, e a partir dele, foi quando... abriu, assim, as portas e me conduziu pra uma carreira como artista mesmo, né?

Essa influência externa corrobora com o destacado por Powell e Smith-Doerr (1994), de que as redes correspondem a trocas formais através de fornecimento de recursos entre partes que estão em constante interação com objetivo de adquirir um valor de troca, em que essas relações são construídas através de mútuas necessidades. Enquanto o Professor Gilmar tinha o objetivo de fomentar a atividade da Xilogravura na região do Cariri, José Lourenço tinha a necessidade, naquele momento, de um impulso exterior para um desenvolvimento profissional.

Além disso, a formação dessas redes de relacionamento também se originam em contatos pessoais entre indivíduos que partilham áreas de comum interesse, em uma troca simultânea de informações, conhecimentos e demais auxílios com finalidades profissionais (ROSSETTI et al., 2008; HUSTAD, 2004).

Há de se destacar que essas redes oferecem grande suporte aos indivíduos que as tecem com maestria, porém, não proporcionam privilégios. Para que os indivíduos obtenham um melhor proveito das redes estabelecidas, é necessário que haja uma interligação entre as *networks* e os sistemas de evolução pessoais (TEIXEIRA; MORRISON, 2004). Ou seja, é necessário o alinhamento das redes de relacionamentos construídas com o conhecimento técnico necessário para a manutenção profissional. Portanto, José Lourenço não apenas construiu sua rede de relacionamento de maneira estruturada, como também detinha de um *know-how* necessário para a realização de obras que agradavam o público alvo, tanto que veio a ser premiado nacionalmente.

Quando foi no outro dia, chegou um rapaz, aí disse “ó, eu tenho um cordel pra o senhor imprimir, seu Expedido”, aí ele disse “tá bom, eu já tem quem faça a capa aqui”. Aí, disse “Zé, vem cá”, aí eu pensei que era pra fazer composição, pra impressão, pra alguma coisa. Aí ele disse: “pronto, aqui é o rapaz que faz a capa do cordel
É... foi interessante porque o trabalho foi premiado, né, no salão de Abril (...) que era o salão mais importante que a gente tinha aqui no Ceará, né? Salão, que era os grandes nomes, né, da gravura.

Passando para o discurso do Carlos Henrique, observa-se que seu início no ofício como xilogravurista foi através de um amigo. Quando ele notou que o Carlos Henrique possuía certo domínio da técnica, convidou-o para realizar as capas da Academia dos Cordelistas do Crato. Esse fato marca seu estabelecimento como xilogravurista e o início do processo de seu reconhecimento nacional:

(...) então ele me trouxe essa encomenda eu fiz a primeira capa e através dessa capa foi o meu ingresso na academia de Cordelista do Crato.

O meio laboral se desenha através das redes de relacionamento onde os processo de cooperação permitem a troca de conhecimento, experiências, recursos, auxílio, ideias e o método para exercer determinada atividade, com a finalidade de ampliação das oportunidades (HUSTAD, 2004). Esses fatores podem ser observados no discurso do Carlos Henrique.

A influência dessas pessoas na minha carreira, é... que foi através delas que tive digamos que uma visibilidade maior (...) foi através de Yili Jorras que a gente... que eu passei ter mais, ser mais reconhecido (...).

Ao examinar as redes de relacionamento do Carlos Henrique, verifica-se que a ponte de conhecimento criada com Yili Jorras, uma de suas amigas pessoais e profissionais, permitiu o desenvolvimento de habilidades necessárias para a maestria da xilogravura.

(...) foi através de Yili que eu passei a conhecer as gravuras de outras pessoas, passei a conhecer outras pessoas, a minha gravura melhorou muito depois que eu passei a conhecer o trabalho das outras pessoas.

Do mesmo modo, outros indivíduos possuem destaque no crescimento da carreira do artesão Carlos Henrique, pois se posicionam como sujeitos atuantes que o auxiliaram no desenvolvimento dos traços que compõem suas obras, além de ampliarem a sua visibilidade no meio da xilogravura. Um exemplo foi a participação do artesão no projeto Caixa Umburana, desenvolvido pelas professoras Maura de Andrade e Yili Jorras.

O propósito central desse projeto era de valorizar a madeira umburana e alertar sobre sua extinção. Ele consistiu em várias exposições, em diferentes lugares do mundo, de uma mesma caixa de umburana que continha matrizes de diferentes artistas.

Carlos Henrique ampliou a visibilidade de seu trabalho a partir desse projeto que, além de alavancar sua carreira a outro patamar, lhe permitiu tecer redes de contatos com pares de distintos lugares do mundo, a saber: Argentina, Alemanha, México e São Paulo.

(...) caixa umburana ela foi construída em cinco, a gente fez várias exposições e dessas várias exposições a gente expos a caixa em vários lugares. Esse foi um projeto muito bonito, bom, e assim, foi onde a gente... foi um dos projetos em que eu divulguei meu trabalho, e assim, não só o meu, o trabalho de outros artistas... é... que teve vários artistas também daqui que participaram.

As redes de relacionamento desse artesão impulsionaram seu desenvolvimento profissional. O planejamento e organização do Projeto Caixa Umburana permitiram internacionalização do artesão, bem como aperfeiçoamento da sua técnica a partir do contato com profissionais de diferentes países.

Nota-se através da análise, que as redes de relacionamento construídas pelos artesãos da pesquisa permitiram o desenvolvimento de suas carreiras. Apesar de ambos os artesãos terem distintas influências do meio social para entrada na xilogravura, percebe-se semelhança na influência positiva que as redes proporcionaram as suas carreiras. José Lourenço teve êxito em internacionalizar suas obras após participar de uma exposição, incentivado pelo professor Gilmar de Carvalho. Carlos Henrique também ganhou visibilidade internacional através do contato com as professoras Maura de Andrade e Yili Jorras, sendo os três precursores de um projeto que alcançou diversos países do mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os discursos dos dois xilogravuristas, percebe-se que ambos possuem diferentes influências em suas trajetórias no ofício artesanal. No tocante à inserção na atividade artesanal, foi possível verificar diferenças marcantes entre os profissionais analisados. Enquanto José Lourenço teve contato com a técnica e com xilogravuristas de renome desde sua infância, Carlos Henrique começou a realizar entalhes tardiamente e sem ter o conhecimento de que essa atividade se chamava xilogravura. São, de fato, duas formas peculiarmente distintas de entrada no ofício, mas que não se configurou como um bloqueio no desenvolvimento profissional de um ou do outro.

Por outro lado, os desafios enfrentados ao longo da trajetória da carreira são semelhantes, a saber: financeiros, carência de matéria prima, pouco apoio do poder público, desvalorização da xilogravura por parte de consumidores locais e redução do interesse de novos profissionais pelo ofício.

Quanto às redes de relacionamento criadas pelos artesãos, identificou-se que os dois participantes da pesquisa construíram as suas cadeias de cooperação de maneira bastante estruturada. O alinhamento de interesses entre os coligados tornou-se um fator crítico de sucesso, afinal, as redes tiveram importante papel para o crescimento dos dois xilogravuristas analisados no estudo, haja vista que ampliou a visibilidade dos mesmos entre os demais colegas de profissão e consumidores potenciais, contribuindo para a ampliação da comercialização das suas obras. Os achados acerca das três principais influências na carreira dos xilogravuristas da pesquisas estão sumarizadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Elaborado pelos autores

Xilogravuristas	Motivações para entrada na profissão	Desafios enfrentados durante a carreira	Redes de relacionamento na desenvoltura da carreira
José Lourenço	Contato com a técnica e com xilogravuristas de renome desde a infância	Semelhanças de desafios enfrentados	Semelhanças nos resultados que as relações sociais construídas trouxeram
Carlos Henrique (Mestrão)	Realização de trabalho tardiamente, sem ter conhecimento da técnica empregada		

Fonte: Elaborado pelos autores

Foi possível observar que os artesãos examinados desenvolveram estratégias para enfrentar os desafios que se apresentaram ao longo de suas trajetórias profissionais. Entre estas estratégias estão: as redes de relacionamento criadas, apoio familiar, técnicas aprendidas para o aprimoramento dos seus artefatos e persistência na realização de trabalhos que, no início, não se mostravam suficientemente rentáveis para a manutenção profissional.

Destaca-se como limitação do presente estudo a análise da trajetória de carreiras dos artesãos focada apenas na técnica da xilogravura da tipologia em madeira. Dessa forma, propõe-se para pesquisas futuras a abordagem de diferentes técnicas da madeira, bem como a variação de diferentes tipologias.

Finalmente, espera-se que este trabalho contribuía para o estudo sobre carreiras na indústria criativa, mais especificamente sobre a carreira de artesãos, uma vez que estes ainda constituem uma categoria pouco explorada nas pesquisas em Administração e Estudos Organizacionais (FARIA; SILVA, 2017).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, I. M. **Os novos espaços produtivos: Relações sociais e vida econômica no Cariri cearense**. Banco do Nordeste do Brasil, 2011. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp027061.pdf>>.

ARTHUR, M. B.; HALL, D. T.; LAWRENCE, B. S. (Ed.). **Handbook of career theory**. Cambridge University Press, 1989.

ATKINSON, R. The life story interview. In GUBRIUM, J. F.; HOLSTEIN, J. A. (Org.). **The handbook of interview research: context and method**. London: Sage, 2002, p. 121-141.

BARLACH, L. **O que é resiliência humana?** Uma contribuição para a construção do conceito. 2005. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-19062006-101545/en.php>>

BARROSO, E. N. Curso design, identidade cultural e artesanato. **Fortaleza: Sebrae/Fiec**, 2002.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Editora Vozes Limitada, 2017.

BECK, U. **Risk Society: Towards a New Modernity**, Londres: Sage Publications, 2007.

BENDASSOLLI, P. F. *et al.* **Indústrias criativas: definição, limites e possibilidades**. 2009. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/21138>>

BENDASSOLLI, P. F.; WOOD JR., T. O paradoxo de Mozart: carreiras nas indústrias criativas. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v.17, n.53, p.259-277, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198492302010000200002&lng=en&nrm=iso

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

CANCLINI, N. G. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CAVALCANTI, M. **A floresta encantada – As imagens e imaginários na arte de Juazeiro do Norte**. Congresso Brasileiro de Sociologia. 2009. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=3543&Itemid=171>

CARVALHO, G. **Xilogravura: Os percursos da criação popular**. Rev. Inst. Est. Bras., SP, 39: 143-158, 1995. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/72075>>.

CARVALHO, M. F. *et al.* **A representação da mulher em xilogravuras de autoria nordestina**. 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8297>>

CHANLAT, J. F. Quais Carreiras e pra Qual Sociedade (I)? **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.35, n.6, p.67-77, nov./dez. 1995. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901995000600008&lng=en&nrm=iso

CLOSS, L. Q.; ANTONELLO, C. S. O uso da história de vida para compreender processos de aprendizagem gerencial. **Revista de Administração Mackenzie** (Mackenzie Management Review), v.12, n.4, 2011. Disponível em:<<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/RAM/article/view/1734>>.

CLOSS, L. Q.; OLIVEIRA, S. R. História de Vida e Trajetórias Profissionais: Estudo com Executivos Brasileiros. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 19, n.4, p. 525-543, 2015. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/126283>>

DUARTE, M. F.; SILVA, A. L. **A experimentação do risco na carreira criativa: o caso de mestres da cultura do artesanato cearense.** Revista Eletrônica de Ciência Administrativa, v. 12, n. 2, p. 156-172, 2013. Disponível em: <<http://www.periodicosibepes.org.br/index.php/recadm/article/view/1517/709>>

DUMARESQ, C. **Mestre Noza.** Fortaleza: Edições Democrático Rocha, 2002.

DUTRA, J. S. *et al.* As carreiras inteligentes e sua percepção pelo clima organizacional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 10, n. 1, p. 55-70, 2009. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2030/203014934008.pdf>>

FARIA, A. M.; SILVA, A. R. L. **Artesanato nos estudos organizacionais: A literatura brasileira de 2006 a 2015.** Revista Pensamento Contemporâneo em Administração, Rio de Janeiro, v.11, n.2, p.120-135, 2017. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=441752172007>>

FERRAZZA, D. S.; ANTONELLO, C. S. O método de história de vida: contribuições para a compreensão de processos de aprendizagem nas organizações. **Gestão. Org: Revista eletrônica de gestão organizacional**, v.15, n. 1, p. 22-36, 2017. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/173934>>

FORRET, M. L.; DOUGHERTY, T. W. Networking behaviors and career outcomes: differences for men and women? **Journal of Organizational Behavior: The International Journal of Industrial, Occupational and Organizational Psychology and Behavior**, v. 25, n. 3, p. 419-437, 2004.

GIBB, A. A. Small firms' training and competitiveness. Building upon the small business as a learning organisation. **International small business journal**, v. 15, n. 3, p. 13-29, 1997.

GODOY, A. S. Reflexão a respeito das contribuições e dos limites da História de Vida na pesquisa em Administração. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 19, n. 1, p. 161-175, 2018. Disponível em: <https://raep.emnuvens.com.br/raep/article/view/954/pdf>

GRANGEIRO, R. R.; BARRETO, A. J. T. P.; SILVA, J. S. Análise de Artigos Científicos sobre Carreira em Administração. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 12, n. 1, p. 47-60, 2018. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/ver/49154/analise-de-artigos-cientificos-sobre-carreira-em-administracao->>

GRANGEIRO, R. R.; BASTOS, A. V. B. Organização do trabalho artesanal: examinando aspectos de inovação e visibilidade do artesanato no Cariri cearense. **Revista de Psicologia**, v. 7, n. 2, p. 33-48, 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/6274>>

GREENHAUS, J. H.; CALLANAN, G. A.; GODSHALK, V. M. **Career management.** Sage, 2009.

HALL, D. T. **Careers in and out of organizations.** Sage, 2002.

HAUNSCHILD, A. Managing employment relationships in flexible labour markets: The case of German repertory theatres. **Human Relations**, v. 56, n. 8, p. 899-929, 2003.

HUSTAD, E. Knowledge networking in global organizations: the transfer of knowledge. In: **Proceedings of the 2004 SIGMIS conference on Computer personnel research: Careers, culture, and ethics in a networked environment.** ACM, 2004. p. 55-64.

INGLEHART, R. **Culture shift in advanced industrial society.** Princeton University Press, 2018.

KHAPOVA, S. N.; ARTHUR, M. B. Interdisciplinary approaches to contemporary career studies. **Human Relations**, v. 64, n. 1, p. 3-17, 2011.

LIRA NETO. **Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão.** Editora Companhia das Letras, 2009.

LIMA, R. G. (2005). **Artesanato e arte popular: duas faces de uma mesma moeda?** Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_e_Arte_Pop/CNFCP_Artesanato_Arte_Popular_Gomes_Lima.pdf>

MACLEAN, M.; HARVEY, C.; CHIA, R. Sensemaking, storytelling and the legitimization of elite business careers. **Human Relations**, v. 65, n. 1, p. 17-40, 2012.

MARQUESAN, F. F. S.; FIGUEIREDO, M. D. De artesão a empreendedor: a ressignificação do trabalho artesanal como estratégia para a reprodução de relações desiguais de poder. **Revista de Administração Mackenzie** (Mackenzie Management Review), v. 15, n. 6, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ram/v15n6/1518-6776-ram-15-06-0076.pdf>>

MORAIS, A. S. A. *et al.* **O processo produtivo artesanal analisado sob o enfoque de inovações sociais: um estudo de caso na cadeia produtiva da moda.** Interações (Campo Grande), v. 18, n. 4, p. 121-135, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1518-70122017000400121&script=sci_abstract&tlng=es>.

NETO, L. **Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão.** Editora Companhia das Letras, 2009.

NOVAES, A. M. C. **O processo de artificação em Juazeiro do Norte. Análise do Centro Cultural Mestre Noza.** 2011. Tese de Doutorado. Tese de doutorado. Universidade Federal do Ceará. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFC-7_ceb5f7372c1e76632dff107e508b368a>

OLIVEIRA, E. *et al.* Análise de Conteúdo e Pesquisa na Área da Educação1. **Revista diálogo educacional**, v. 4, n. 9, p. 11-27, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/6479>>

PEREIRA, C. J. C. **Artesanato: definições, evolução e ação do Ministério do Trabalho; o programa nacional de desenvolvimento do artesanato.** Brasília: MTb, v. 153, 1979. Disponível em: <<https://searchworks.stanford.edu/view/1515841>>

POWELL, W.; SMITH-DOERR. Network and economic life In: SMELSER, N, SWEDENBERG, R. **The Handbook of Economic Sociology.** Princeton: Princeton University Press, 1994.

RABELLO, S. **Os artesãos do Padre Cícero: condições sociais e econômicas do artesanato de Juazeiro do Norte**. Ministério da Educação e Cultura, Instituto Joaquim Nabucó de Pesquisas Sociais, 1967.

RIBEIRO, M. A. A trajetória da carreira como construção teórico-prática e a proposta dialética da carreira psicossocial. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 12, n. 2, p. 203-216, 2009. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-37172009000200006&script=sci_abstract&tlng=en>

ROCHA, A. G. T.; AMARAL FILHO, J. As políticas industriais da Bahia, Ceará e Pernambuco: existe algo mais que guerra fiscal. In: **Anais do IX Encontro Regional de Economia**, Fortaleza: Banco do Nordeste, 2004.

ROSSETTI, A. G. *et al.* A organização baseada no conhecimento: novas estruturas, estratégias e redes de relacionamento. *Ciência da Informação*, v. 37, n. 1, 2008. Disponível em: < <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1222>>

SALLES, V. J.; VALLADARES, C. P. **Artesanato Brasileiro**, Rio de Janeiro: 3ª ed, 1986.

SAMPIERI, R.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5a Edição. Porto Alegre: Penso Editora Ltda, 2013.

SANTOS, E. T. Exportações de artesanato do Ceará no período de 2004 a 2006: desafios e oportunidades. 2007. **Tese de Doutorado**. Dissertação de Mestrado). Programa de Pósgraduação em Administração, Universidade de Fortaleza, Fortaleza. Disponível em: < http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFOR_803176e27a282c84188ee14d2e088b5b>

SERRA, N.; FERNANDEZ, R. S. Economia criativa: da discussão do conceito à formulação de políticas públicas. **RAI Revista de Administração e Inovação**, v. 11, n. 4, p. 355-372, 2014. Disponível em: < <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1809203916302091>>

SMITH, J. M. Reflections on using life history to investigate women teachers' aspirations and career decisions. **Qualitative Research**, v. 12, n. 4, p. 486-503, 2012.

SOBRINHO, J. M.; HELAL, D. H. **A Implementação de Políticas Públicas voltadas a atividades artesanais: Análise do Programa de Artesanato da Paraíba**. Organizações & Sociedade, v. 24, n. 80, 2017. Disponível em: < <https://rigs.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/12070>>

SOUZA, L. K. V. Construção de índice para as xilogravuras de cordel da Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida da Universidade Estadual da Paraíba. 2016.

SOUZA, M. S. A. O ensino da xilogravura para alunos do 7º ano na Escola Nânzio Magalhães em Feijó. 2011. 30f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – **Universidade de Brasília, Brasília, 2011**. Disponível em: < <http://bdm.unb.br/handle/10483/4461>>

SPINDOLA, T.; SANTOS, R. S. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 2, n. 37, p. 119-26, 2003.

TEIXEIRA, R. M.; MORRISON, A. Desenvolvimento de empresários em empresas de pequeno porte do setor hoteleiro: processo de aprendizagem, competências e redes de relacionamento. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 8, n. 1, p. 105-128, 2004. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-65552004000100006&script=sci_arttext&tlng=es>

WASKO, M. M; FARAJ, S. Why should I share? Examining social capital and knowledge contribution in electronic networks of practice. **MIS quarterly**, v. 29, n. 1, p. 35-57, 2005.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

VIEIRA, C. L. S; GRANJEIRO, R. R. Carreira no Artesanato: Um Estudo com Xilogravuristas do Cariri Cearense. **Rev. FSA**, Teresina, v.17, n. 6, art. 1, p. 3-29, jun. 2020.

Contribuição dos Autores	C. L. S. Vieira	R. R. Granjeiro
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X